



## A REPORTAGEM

Daniel Ricardo

Todos os géneros jornalísticos de rua têm a característica comum de envolver profundamente os jornalistas, pondo à prova a sua capacidade de saber e fazer saber, de ver e fazer ver, de ouvir e fazer ouvir, de sentir e fazer sentir, de compreender e fazer compreender, diz Jean-Dominique Boucher (*A Reportagem Escrita*, Lisboa: Editorial Inquérito s/d). Portanto, de viver e fazer viver. Texto que não reflecta uma vivência do repórter não é reportagem. O envolvimento do jornalista nos factos que constituem objecto do seu trabalho - um acontecimento que foi notícia, uma situação, um processo em desenvolvimento - não justifica, no entanto, que tome posição. A sua função consiste em informar e explicar, não em comentar, criticar ou julgar.

Efectivamente, o repórter pode – e deve - embrenhar-se nos acontecimentos, meter-se na pele dos protagonistas, para melhor os compreender. Pode até emocionar-se. Mas não pode tomar partido. Nem apoiar nem condenar. É sua obrigação recusar o maniqueísmo, bem como esforçar-se por alcançar o mais alto índice possível de isenção.

E assumir, em todas as circunstâncias, uma postura que traduza o seu distanciamento em relação àquilo a que assiste: no terreno, não aplaude, não pateia, não assobia... Curiosidade e espírito de observação, lucidez, capacidade de decisão, compreensão humana e facilidade de comunicação são as principais qualidades do repórter que, se for um bom contador de histórias, será um jornalista completo.

Na verdade, a reportagem é uma história ou um conjunto de histórias inter-relacionadas. O repórter tem, por isso, que dominar a técnica da narrativa. Sem o que não conseguirá relatar o que aconteceu, transmitir sensações, emoções e impressões, descrever lugares e pessoas, reproduzir conversas, desmontar situações, enfim, contar retalhos da vida, de tal sorte que o leitor se sinta transportado para o centro da acção e implicado nos acontecimentos, se identifique com as personagens, estabeleça com elas relações de cumplicidade ou as encare com piedade, desprezo, indignação...

De leitura absorvente, a reportagem comove ou revolta mas, sobretudo, informa e esclarece. Abordando, num ângulo interessante e, de preferência, original, um aspecto da realidade social actual, mostra o que se passou ou está a passar-se, como se de um filme se tratasse, com o seu elenco de actores, figurantes, uma intriga, diálogos, cenários, guarda-roupa e tudo quanto os sentidos do repórter - a vista e o ouvido, por vezes o olfacto e o paladar, eventualmente também o tacto - são capazes de apreender: cores, ruídos, silêncios, odores, etc. Além disso, explica, através de casos e depoimentos pessoais, as razões dos acontecimentos, os mecanismos a que obedece o seu desenvolvimento, os seus efeitos. E, deste modo, dramatiza e humaniza a informação, ao mesmo tempo que a apresenta de forma personalizada, na medida em que a expressa de acordo com a maneira de olhar e de contar do seu autor.

O que, no entanto, não autoriza o jornalista a carregar as cores da realidade. O que se lhe exige é que narre o que viveu, sem empolar, nem minimizar, nem distorcer os acontecimentos. Se assim proceder, o leitor concluirá sozinho, com base nos factos, se a realidade foi bela ou trágica. Afirma, a propósito, Jean-Dominique Boucher (op. cit.): "Verdade e sinceridade ou, se se preferir, autenticidade e honestidade são as regras da reportagem (...) Fazer ver um acontecimento, revelar uma situação segundo a própria sensibilidade (de quem escreve) não significa deformar nem trair a verdade."

Atento à vida que fervilha à sua volta, o repórter tem de saber "medir a temperatura" ambiente, apanhar o que anda no ar, multiplicar os contactos e as perguntas, suscitar reacções, detectar as relações entre as pessoas que o rodeiam, esforçar-se por entender as suas atitudes, os seus sentimentos, as suas opiniões, enfim, a dimensão humana dos factos a que assiste (ou que, em certos casos, reconstitui), e perceber muito bem o que realmente se está a passar. Dele se espera que se interesse por tudo, que nada lhe escape, que veja o que os outros não vêem, que não descansa enquanto não encontrar no caminho algo de novo, importante, inesperado, surpreendente. Mas também que se aperceba da relevância relativa dos factos observados, que escolha, que hierarquize.

Segundo Jean-Dominique Boucher (op. cit.), o repórter em serviço tem de comportar-se como se transportasse ao ombro uma câmara de filmar, para registar o movimento, as formas, as cores, os sons que caracterizam a realidade em que mergulha - e, em reportagem, é preciso mergulhar na realidade, a fim de se chegar ao fundo dos problemas, mas tomando as precauções necessárias para não se deixar enrolar nas ondas da fantasia ou enfeitiçar pelo canto de sereia de quem pretenda alterar o rumo da investigação ou inviabilizá-la.

O repórter é, pois, uma testemunha, a reportagem o seu testemunho. As histórias que nos conta ajudam-nos a compreender o mundo em que vivemos.